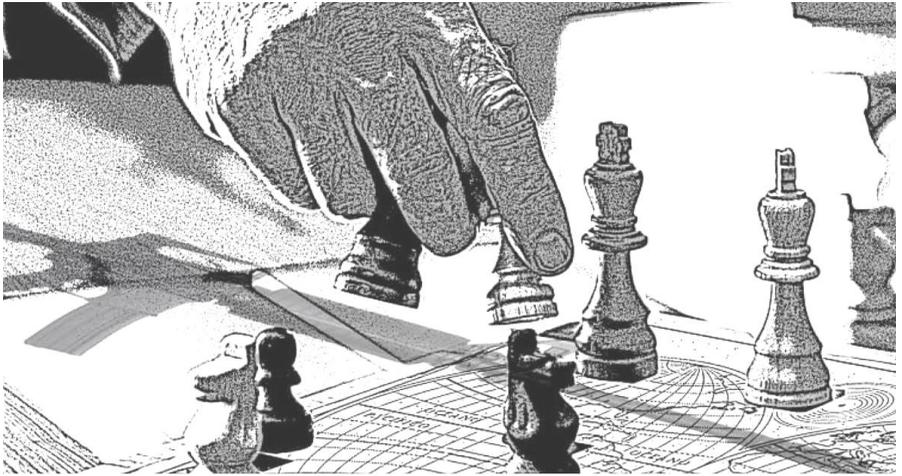


*A Religião matou Jesus;
a Religião e o Evangelho são incompatíveis.*



**A violência é uma consequência
da política e da economia. E, por isso,
é também uma consequência da religião.**



- «Neste momento, devido à guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Que tem que ver a religião com esta situação tão dramática que enfrentamos?»
- «A maior desgraça do cristianismo foi ter fundido e confundido a Religião com o Evangelho»
- «O homem exemplar que temos diante de nós, neste momento trágico, é o papa Francisco. Porque a sua humanidade é exemplar. Ele, a seu modo, nos vai dizendo que, para a guerra e para a violência, há uma única solução: tomar a sério e viver tanto quanto nos for possível o Evangelho que nos centra na paz e na bondade de todos e com todos»

A HISTÓRIA ENSINA-NOS, com abundância de dados e argumentos, que **a relação entre as religiões e a violência, tem sido mais frequente e mais determinante** do que muita gente suspeita ou imagina. Além disso, é importante saber como se situa o Evangelho face a este enorme problema. Sobretudo neste momento, devido à guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Que tem que ver a religião com esta situação tão dramática que enfrentamos?

É um facto que a religião e a política sempre estiveram, para o bem e para o mal, em mútua relação. Porque ambas (digam o que disserem) necessitam uma da outra. Por outro lado, não conheço, a fundo e com as devidas consequências, a história religiosa da Rússia e da Ucrânia. Por isso me parece mais pertinente indicar não o que nos divide, nos separa e nos afasta, mas antes o que nos deveria unir.

O que costuma ser mais preocupante em situações como as que vivemos, é a violência e as suas fatais consequências. **A violência é uma consequência da política e da economia. E, por isso, é também uma consequência da religião.** Porque, como é sabido, religião e política estão (como sempre estiveram), profundamente, relacionadas entre si.

Ora bem, estando as coisas como estão, terá **o Evangelho algo a ver em situações tão críticas como as que se vivem atualmente?** À primeira vista esta pare-

ce ser uma pergunta inútil. Porque se a violência é condicionada pela religião, não estará também condicionada pelo Evangelho? Eis uma pergunta inevitável. E, além disso, necessária. Porquê?

A maior desgraça do cristianismo foi ter fundido e confundido a Religião com o Evangelho. Mais ainda, o pior de tudo foi, não apenas, a fusão da Religião com o Evangelho. O mais grave, é o facto de, na Igreja, a Religião estar mais presente do que o Evangelho. E, **na Igreja, ser mais determinante a Religião do que o Evangelho.** Por isso é que, para muita gente religiosa, o Evangelho mais não é do que uma leitura que se faz na missa, o ato mais importante da religião.

Quem assim pensa, ainda não caiu na conta de que **foi a Religião que enfrentou Jesus e o seu Evangelho.** Como também, há que dizê-lo, foi a Religião que matou Jesus. Porque Religião e Evangelho são incompatíveis. A razão de fundo do que acabo de afirmar, está no facto de o centro da vida que brota da Religião, ser o “eu” (a minha fé, a minha observância, a minha consciência, a minha salvação). A razão de fundo que brota do Evangelho está nos “outros” (os enfermos, os pobres, as crianças...). Dito numa forma mais clara, a Religião produz um ser humano “*fixado no próprio*

eu” (E. Drewermann), enquanto que o Evangelho produz um ser humano “*fixado nos outros*”, na paz e bem dos outros. Daí que o “mandamento novo” que Jesus deu aos seus seguidores ter sido este: “*que vos ameis uns aos outros como eu vos amei*” (Jo 13, 34-35). Por isso, eis o que nos será dito no juízo final: “*o que fizestes a um destes meus irmãos, a mim mesmo o fizestes*” (Mt 25, 40). Nem aqui, no momento último e decisivo, surge Deus.

Deus que, na sua transcendência, não está ao nosso alcance, “*despojou-se de si mesmo, tornando-se um de nós*” (Fl 2, 7). Eis o que chamamos “**incarnação**”. **Isto é, a “humanização” de Deus, que se realizou em Jesus de Nazaré.**

O homem exemplar que temos diante de nós, neste momento trágico, é o papa Francisco. Porque a sua humanidade é exemplar. Ele, a seu modo, nos vai dizendo que, para a guerra e para a violência, há uma única solução: tomar a sério e viver tanto quanto nos for possível o Evangelho que nos centra na paz e na bondade de todos e com todos.

Estou convencido de que a guerra da Rússia contra a Ucrânia vai, com certeza, terminar em breve. Será uma utopia? Não. É fruto dum convicção: **a bondade é mais forte do que a violência.**

José María Castillo. Teólogo.

https://www.religiondigital.org/teologia_sin_censura/Religion-Evangelio-violencia-ucrania-rusia_7_2432826699.html

Francisco pede «erradicação» da guerra para evitar «autodestruição» da humanidade

O Papa reforçou hoje [27 de Abril] a sua condenação da guerra na Ucrânia, falando no perigo de “autodestruição” da humanidade.

“Renovo o meu apelo: basta! Que se parem, que se calem as armas, e se negocie seriamente para a paz”, disse, desde a janela do apartamento pontifício, após a recitação da oração do ângelus.

Francisco recordou aos peregrinos reunidos na Praça de São Pedro que **“passou mais de um mês do início da invasão da Ucrânia, do início desta guerra cruel e sem sentido”**.

“Como qualquer guerra, representa uma derrota para todos, para todos nós”, lamentou.

O Papa defendeu que é preciso **“repudiar a guerra, lugar de morte, onde pais e mães sepultam os filhos, onde homens matam os seus irmãos, sem os ter sequer visto, onde os poderosos decidem e os pobres morrem”**.

“A guerra não devasta apenas o presente, mas também o futuro de uma sociedade”, insistiu.

Francisco falou, a este respeito, dos dados que apontam para o facto de, **“desde o início da agressão à Ucrânia, um em cada duas crianças”** estar deslocada, no país.

“Isso significa destruir o futuro, provocar traumas dramáticas nos mais pequenos e indefesos”, alertou.

O Papa disse que todos devem aprender com este conflito.

“Se sairmos destes acontecimentos como estávamos antes, seremos todos culpados, de alguma forma”, sustentou.

A intervenção falou do **“perigo de autodestruição”** da humanidade.

“Chegou o momento de abolir a guerra, de eliminá-la da história do homem, antes que seja esta a eliminar o homem da

história”, declarou o pontífice. Francisco pediu a cada responsável político que **“reflita sobre isto, que se empenhe sobre isto, e, olhando para a martirizada Ucrânia, perceba como cada dia de guerra piora a situação para todos”**.

Já aos peregrinos, o Papa deixou o apelo de rezar sem cessar à **“Rainha da Paz”**, à qual consagrou esta sexta-feira, desde o Vaticano e Fátima, toda a humanidade, em particular a Rússia e a Ucrânia, **“com uma participação grande e intensa”** **“Agradeço a todos vós. Rezemos juntos”**, concluiu.

A Rússia lançou a 24 de fevereiro uma ofensiva militar na Ucrânia que causou, entre a população civil, 1081 mortos, incluindo 93 crianças, e 1707 feridos, entre os quais 120 menores, segundo dados da ONU.

A guerra provocou a fuga de mais 10 milhões de pessoas, das quais 3,7 milhões de refugiadas.

Já depois das saudações aos vários grupos de peregrinos, Francisco anunciou-lhes que iriam receber um livro, feito pela Comissão do Vaticano para a Covid-19, com o Dicastério da Comunicação, para **“convidar a rezar nos momentos de dificuldade, sem medo, tendo sempre fé no Senhor”**.



“Há dois anos, precisamente desta praça, fizemos uma oração pelo fim da pandemia. Hoje, fizemo-la pelo fim da guerra na Ucrânia”, lembrou.

OC

<https://agencia.ecclesia.pt/portugal/ucrania-basta-diz-o-papa/> (27.03.2022)

«Eis a bestialidade da guerra, ato bárbaro e sacrílego. A guerra não pode ser algo de inevitável, não devemos habituar-nos à guerra, temos de transformar a indignação de hoje no compromisso de amanhã.»

A barbárie reina entre nós

A barbárie reina entre nós aqui, em nossa convivência, e certamente não traça um horizonte de paz para o futuro", escreve ENZO BIANCHI, monge italiano fundador da Comunidade de Bose, em artigo publicado por *La Repubblica*, 28-03-2022

Daria vontade de ficar calado diante desta guerra travada, narrada, discutida sobretudo através de mentiras.

Passamos de ser atacados pelo contágio viral da **pandemia** para sermos inundados por uma extensão viral de **mentiras** que julgávamos impensável.

A guerra se estendeu muito além das fronteiras russo-ucranianas, está presente e atestada entre nós como um embate, barbárie que impossibilita qualquer escuta e qualquer confronto, como um antagonismo teológico-político que vê o Mal apenas de um lado e o Bem apenas do outro. Quando estou-

ra uma **guerra** - qualquer guerra - a primeira vítima não é a verdade, mas o **pensamento**, porque a guerra é alheia à razão.

Então, quando ocorre uma guerra porque uma nação quer liderar o mundo, convencida de que lhe cabe por destino ou por vocação histórica, então se renova o desastroso desfecho da **Torre de Babel**, projeto de poder totalitário e universal que gera violência e confusão entre os idiomas incapazes de se comunicar entre si.

A **guerra** já é um desastre, mas também gera guerra entre partes não-beligerantes desprovidas da consciência do futuro que estão preparando. Não será

apenas uma questão de reconstrução do que foi devastado, mas de um caminho muito mais longo de reconciliação, porque a memória sempre guarda cicatrizes que dificultam a cicatrizar. Quem ganha com uma guerra assim?

Não aqueles que a combatem, mas os fabricantes de armas, entre os quais estão bem presentes aqueles que lutam esta guerra por procuração, não diretamente, mas através das armas fornecidas aos beligerantes e enviando mercenários. Aqueles que não acreditam no destino bélico se rebelam, resistem e não confiam em uma unidade da **Europa** encontrada apenas na decisão de aumentar os gastos com os armamentos.

Esta minha leitura não é equidistante, porque o agressor continua a ser um agressor, mas não é possível que num país como a **Itália**, que se orgulha de ser uma democracia madura, aflore tanta intolerância e infelizmente também desprezo por quem não se sente em consciência confortável em aderir ao pensamento dominante das potências ocidentais.

Justamente no momento em que o governo estava decidindo um aumento nos gastos com os armamentos, o **Papa Francisco** teve a parrésia de dizer: “Eu sinto **vergonha** quando um grupo de estados se compromete a gastar 2% do PIB na compra de armas como resposta ao que está acontecendo. É uma loucura!”.

Essas palavras do Papa são censuradas, ou são toleradas com desdém; mas se forem proferidas por outros em sintonia com ele, são julgadas ingênuas ou submetidas a “apedrejamentos” verbais, como aconteceu com algumas intervenções pacatas de homens e mulheres de cultura.

Falar parece inútil, porque qualquer voz que declare que a guerra é "alheia à razão", sendo uma voz sutil e branda, é desprezada, e toda análise do conflito que tente questionar as causas e as responsabilidades é sufocada pela retórica beligerante.

A **barbárie** reina entre nós aqui, em nossa convivência, e certamente não traça um horizonte de paz para o futuro.



Marc Chagal

UCRÂNIAS

***Nunca perde o dia
Quem passou pelo ponto exato
Da vida
Nunca perde a liberdade
Quem a vive na mesma aldeia
De um tempo
A espera é longa
Presentes
As infinitudes de coragem
Em noites de sangue pastoso
Quando as agonias
São gente em morte
Que nos entra pelas órbitas
E nos açoita
Irmão:
Sou um pequeno cascalho
Mas ainda veículo
Ao teu lado
Aceita-me
Basta-me até tu
Minha maravilha***

Teresa Bracinha Vieira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/ucranias-122386>